

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A FICÇÃO CIENTÍFICA
25 e 29 de junho de 2022

INVASION OF THE BODY SNATCHERS / 1956

(*A Terra em Perigo*)

um filme de Don Siegel

Realização: Don Siegel / **Argumento:** Daniel Mainwaring e (não creditado) Sam Peckinpah, baseado no romance de Jack Finney, "The Body Snatcher" / **Fotografia:** Ellsworth Fredericks / **Direcção Artística:** Edward Howorth / **Efeitos Especiais:** Milt Rice / **Música:** Carmen Dragon / **Montagem:** Robert S. Eisen / **Interpretação:** Kevin McCarthy (Dr. Miles Bennell), Dana Wynter (Becky Driscoll), Larry Gates (Dr. Kaufman), King Donovan (Jack Belicec), Carolyn Jones (Teddy Belicec), Jean Willes (Sally), Ralph Dumke (Nick), etc.

Produção: Walter Wanger para a Allied Artists Pictures Corporation / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 80 minutos / **Estreia Mundial:** 5 de Fevereiro de 1956 / **Estreia em Portugal:** Cinema Capitólio, a 3 de Junho de 1957.

A sessão de dia 25 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

Don Siegel lutou muito para conseguir que Walter Wanger abrisse os cordões à bolsa para filmar esta obra em superscope, formato relativamente raro em filmes de série B (e como tal foi **The Invasion** considerado), em 1956, poucos anos decorridos sobre a invenção do processo. Mas o filme precisa mesmo do grande espaço, para a "respiração" exigida pelos corpos roubados ou devorados (à letra, o título quer dizer "A Invasão dos ladrões de corpos"). Perde-se, por exemplo, na genial sequência da fuga de Bennell e Becky, por montes, vales e grutas, que, noutra dimensão, sublinhavam devidamente a perdição, o horror e o medo do protagonista (*"I didn't realize what fear means until that"*).

Invasion of the Body Snatchers de que em 1978 Philip Kaufman fez um "remake" muito menos conseguido, emergiu para a crítica dos anos 50 (e sobretudo dos anos 60, quando a obra foi distribuída na Europa) como um dos mais relevantes filmes de "fc" dos "fifties", senão mesmo o mais relevante. Vários factores, quanto a mim exteriores ao valor da obra, contribuíram para tal: ter-se visto no filme a mais implacável alegoria ao terror meccarthysta, de que a América acabava de sair em 56. A "histeria" de que tanto se fala no filme é uma "histeria" colectiva, em que uma comunidade participa inteiramente dum clima persecutório demencial. Sabe-se que, na versão original, o filme terminava com um plano do próprio McCarthy olhando a câmara e apontando para nós com a frase famosa *"You're Next"*. Essa versão foi modificada por Daniel Mainwaring (o argumentista), embora McCarthy surja ainda, no final, quando o Dr. Hill se convence finalmente da veracidade da história.

Outro factor tem que ver com a própria "ficção científica". Se, em 1956, era pouco crível que a terra fosse invadida por micro-organismos provindos doutros planetas, o tema era, então, uma das "novidades" da literatura de "fc" e Siegel parecia abordá-lo sem concessões (o tempo acrescentaria plausibilidade à história). Finalmente, a obra parecia construir-se poderosamente, em torno da figura do autor (Don Siegel, que no ano seguinte assinaria o notável "gangster filme" **Baby Face Nelson**),

destacando-se da produção corrente, num implacável retrato da América dos anos 50.

Se não nego pertinência a qualquer destes factores, o fundamental interesse de **The Invasion of the Body Snatchers** não me parece residir em qualquer delas. Como no futuro **Shock Corridor** de Fuller (que este filme tanto me lembra) o que predomina é um clima de terror que, mais do que político, é metafísico e um crescendo de solidão do protagonista que o isola de todos os outros (inclusive de Becky) pela consciência do horror que o cerca, e da impossibilidade de outra saída que não seja a loucura. Nesse sentido, o final não é nada tranquilizante. Embora, findo o longo "flash-back" que o filme é (construção típica dos anos 50, numa obra afinal paradigmática deles e não marginal a eles), a versão de Bennell seja tomada a sério (seja acreditada), o horror não finda por esse reconhecimento. Pelo contrário, acresce-se. Nesse sentido, o "You're next" podia ser bem mais retórico e distrair-nos do essencial: o grande plano da cara de Kevin McCarthy sobre o qual se inscreve a palavra "fim". Já não há, para o protagonista, possibilidades de outros "flash-back". A sua própria imagem é sinal de encerramento. Quem entrou naquela "selva escura" necessariamente perdeu toda a esperança e a segura de Siegel é exemplar.

No filme entramos pela loucura, no filme saímos pela loucura. Porque nunca sabemos, se, no final, Bennell se tornou ele também num "pod", no duplo de si próprio, como foi sucedendo ao longo do filme a todos os seus amigos e a Becky.

Atrás falei da disjunção do par. Esse me parece ser um dos lados mais obscuros e mais admiráveis desta obra. Contrariando a regra clássica da "fc" e do "fantástico", até aí quase incessantemente mantida (ao menos, a nível explícito) do "par" contra o mundo, Siegel "fractura" o filme exactamente quando Bennell vai a casa de Becky e descobre o "duplo" dela a formar-se. A partir desse momento, e embora Becky vá passar por estados "alternativos", deixa de haver para o protagonista qualquer possibilidade de conjugação e só os espaços (e aqui teria que voltar ao cinemascope) podem enquadrar o seu terror. Se arrasta Becky com ele - aparentemente para a libertar - não sabe quem arrasta. Se ela grita, no espantoso plano do atropelamento do cão, (e assim lhe dá motivo para acreditar que as emoções ainda a não deixaram) no fundo da caverna é assumidamente a "outra".

"Um rapaz que diz que a mãe dele não é a mãe dele"; "Uma rapariga que diz que o tio dela não é o tio dela", os amigos que deixam de o ser, é ainda a progressão no domínio da irrealidade (*"Reality becomes unreality"*, como Bennell diz quando descobre o "pod" de Becky.) Mas o filme avança ainda mais no abismo, quando nós também perdemos o pé e deixamos de saber se, na "irrealidade" o "pod" não é afinal Bennell, ou seja se, num mundo da anormalidade, a única anormalidade real é a normalidade.

É neste sentido que **Invasion of the Body Snatchers** é um filme kafkiano, na rigorosa acepção do termo. Porque não é o mundo que vacila, mas o protagonista e nós com ele. Os outros, os "duplos", os "pod" mantêm a inserção: só Bennell se desliga progressivamente de tudo e todos, no "never, never" que repete na sua fuga.

Neste abismo, Don Siegel entrou do modo mais rigoroso, evitando qualquer barroquismo e com uma concisão que, na fidelidade ao quotidiano, só potencializa a carga do alucinante.

Imobilizou o décor (e os outros personagens) através da sua duplicação, inserindo nela o único corpo efectivamente "roubado" ("snatched"), o único que não tem duplo, imagem ou espelho. O único corpo não invadido e que fica, para nós, no plano final, como a mais absoluta incerteza. O chão todo tirado debaixo dos pés.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico